Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

# VOZES FEMININAS EM *BISA BIA, BISA BEL*, DE ANA MARIA MACHADO

***Female voices in* Bisa Bia, Bisa Bel*, by Ana Maria Machado***

**Thiago RIBEIRO**
Secretaria Municipal de Educação de Cariacica - Espírito Santo
*thiagoer@yahoo.com.br*

**DOI:** https://doi.org/10.46636/recital.v3i1.118

**Resumo**

*Bisa Bia, Bisa Bel* (1980), da escritora Ana Maria Machado, é um dos livros mais importantes da escritora e um dos mais representativos da literatura infantil/juvenil contemporânea. Dada sua relevância, pretende-se, com este texto, fazer uma análise da obra e dissertar sobre as características feministas nas personagens presentes na narrativa, sobretudo da protagonista Isabel. Para tanto, baseia-se em autores como Regina Zilbermam, Antonio Candido e Simone de Beauvoir.

**Palavras-chave:** Bisa Bia, Bisa Bel. Feminismo. Personagem.

**Abstract**

Bisa Bia, Bisa Bel (1980), by Ana Maria Machado, is one of the most important books of the writer and one of the most representative of contemporary children's/youth literature. Given the book's relevance, this article intends to analyze the narrative, identifying the feminist characteristics on its characters, especially the protagonist Isabel. This analysis will be based on authors such as Regina Zilbermam, Antonio Candido and Simone de Beauvoir.

**Keywords**: Bisa Bia, Bisa Bel. Feminism. Character.

## INTRODUÇÃO

O livro *Bisa Bia, Bisa bel,* mesmo sendo apontado pela própria Ana Maria Machado como uma narrativa sem grandes pretensões, tornou-se um grande sucesso. A obra foi considerada um dos dez livros brasileiros infantis essenciais, ganhador de vários prêmios e traduzido para diversas línguas. Além disso, a história ganhou destaque por possuir uma linguagem feminina e ter despertado várias reflexões sobre questões feministas. A história trata das personagens Beatriz (Bia), sua neta Isabel (Bel) e a bisneta de Isabel (Beta); sendo essas personagens pontas do tempo (passado, presente e futuro) que aparecem representadas na vida da protagonista Isabel por meio das vozes imaginárias de Bia e Beta. Escrito em primeira pessoa, a narrativa tem como protagonista Isabel, que, após uma das arrumações da mãe, tem contato com o retrato de uma menininha segurando uma boneca e um bambolê e descobre que se tratava de sua bisavó Beatriz. Mais adiante, no momento em que Isabel brincava com Sérgio – menino de que gostava –, surge uma voz misteriosa que se revela sendo de sua bisneta Beta. Esse confronto de gerações vem trazer à tona o comportamento feminino e as expectativas sociais para as mulheres das três épocas.

## 1. VOZES QUE LUTAM COM O MUNDO

Essa ideia de livro feminista é afirmada por Regina Zilbermam no capítulo "Mulheres que mudam o mundo", do livro *Como e por que ler literatura infantil Brasileira*, em que considera o livro de Ana Maria Machado como feminista porque traduz o processo de independência da mulher ao longo da história e vai da obediência e passividade de Bia à autonomia e autoconfiança de Beta. Ela também sustenta a importância da visão feminina que mostra o processo de liberação nascendo de dentro para fora como resultado de experiências vividas e não por ensinamento.

Essa visão é dada por Beatriz, uma personagem pré-adolescente que permite uma relação de empatia com o público leitor que entra na história de forma íntima e impessoal. Isso se dá desde o início do livro com a "confissão" de um segredo em tom de conversa, ao pé do ouvido do leitor virtual, pressuposto pela narradora, que faz dele um cúmplice, um amigo e uma companhia para toda história. Isabel mostra sua rotina familiar e escolar, permitindo que o leitor a acompanhe em suas atividades de filha e estudante.

Com isso, pode-se perceber os sentimentos da menina Isabel, medos e inseguranças de criança em fase de puberdade, que revelam uma etapa da vida apresentada como rito de passagem da idade infantil para a idade adulta em busca de seu próprio eu e de sua identidade. Tudo isso é apresentado com a mesma realidade cotidiana e problemática experimentada pelo leitor. Vê-se que mesmo entremeada pelas vozes e conselhos de Bisa Bia e Neta Beta, Isabel busca cunhar sua própria identidade:

> [...] Mas também tem hora que, apesar de saber que é tão mais fácil seguir os conselhos de Bisa Bia, e que nesse caso todos vão ficar tão contentes com o meu bom comportamento de mocinha, tenho uma gana lá de dentro me empurrando para seguir Neta Beta, lutar com o mundo, mesmo sabendo que ainda vão se passar muitas décadas até alguém me entender. Mas eu já estou



RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 3, n. 1, jan./abr. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

> me entendendo um pouco – e às vezes isso me basta (MACHADO, 1990, p. 48).

O conflito vivenciado por Bel traz à baila a realidade da condição feminina até os dias de hoje, uma vez que, mesmo havendo muitos avanços, a mulher vê-se "assombrada" pela sociedade tradicional que tenta moldá-la nos mesmos padrões de décadas e séculos atrás. Tal reflexão na obra faz-se necessária, pois, como afirma Antonio Candido (1992), a ficção é um lugar privilegiado, pois é nela que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas a plenitude da sua condição e tornar-se transparente a si mesmo; vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, realizando a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar sua própria situação.

No decorrer da história, vê-se o embate das vozes imaginárias de Bisa Bia e Neta Beta no intuito de convencer Isabel a agir da forma que uma e outra consideram ideais. Entretanto, pode-se perceber também que Bel busca, por meio de suas próprias experiências, se afirmar como indivíduo sem fazer as atitudes esperadas pela bisavó e nem reproduzir as projeções de sua bisneta. Tal marca pode ser vista, no capítulo "A dona da voz misteriosa", na passagem em que Isabel é taxada pela voz de "ser boba" por estar aprendendo a bordar "só para agradar um bobalhão", ao que Bel responde:

> – Não se meta onde não é chamada. Nem sei quem você é, e fica aí dando palpite na minha vida. Pois fique sabendo que não estou perdendo tempo nenhum, estou descobrindo que gosto muito de bordar, como gosto de patinar, de ler, de dançar, de ver televisão, de ir à praia, de brincar na calçada, de fazer um monte de coisas... E não estou fazendo isso para agradar a ninguém. Só a mim mesmo (MACHADO, 1990, p. 44).

Segundo Regina Zilbermam, personagens como Bel são insubmissas e ensinam amigos ou companheiros a atuar de maneira diferente, encontrando, assim, alternativas de vida ou comportamentos que podem torná-los mais felizes ou, pelos menos, mais conscientes do que acontecem em volta de si. Daí a importância de textos como *Bisa Bia, Bisa Bel* na provocação de reflexão e na construção de novos paradigmas.

Para Antonio Candido (1992), a personagem de ficção serve para nos defrontar com situações exemplares de modo exemplar, uma vez que os seres humanos estão integrados num denso tecido de valores de ordem cognitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Para ele, os seres humanos passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite que revelam aspectos essenciais da vida humana.

Pode-se perceber toda essa situação vivida por Isabel quando a voz de sua bisavó repreende suas ações, suas brincadeiras e roupas, que são tidas como de menino. Afinal para Bia uma "mocinha" deveria ficar quieta e sossegada num canto. Em *O feminino em Bisa Bia, Bisa Bel, de Ana Maria Machado*, Lucinei Maria Bergami (2018, p. 61) afirma que:

> Impõe-se às mulheres a obrigatoriedade de estarem sempre sorridentes. Devem ser "simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas". Enfim, sempre belas. Para tanto, ficam privadas, em algumas ocasiões, de certas atividades culturalmente associadas à figura masculina, como correr, pular, brincar à vontade sem qualquer tipo de censura.

Entretanto, Beatriz não pensava daquela forma. Ademais, é interessante notar que a mãe da menina não se importava que a menina chegasse à casa suja e desarrumada. Diferente de Bisa



RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 3, n. 1, jan./abr. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Bia, a mãe de Isabel mostra-se mais moderna e autônoma, pois é arquiteta e não se dedica exclusivamente às atividades domésticas e à maternidade.

> Minha mãe é arquiteta e anda metida no concurso de um projeto para um hospital novo. Passa o tempo todo na prancheta com dois colegas, desenhando, passando a limpo, calculando, às voltas com aquela imensa régua T (régua de arquiteto, sabe?, não é monograma de ninguém), e um papel transparente que se chama vegetal, mas não nasce em árvore nem dá flor. Só sei que, enquanto não acabar esse tal projeto para esse tal concurso, essa tal minha mãe anda meio sem tempo para tudo (MACHADO, 1990, p. 43).

Além disso, mesmo fazendo algumas arrumações quando "cisma", opta por determinadas praticidades do mundo moderno para ter mais tempo para outras atividades mais produtivas. Um exemplo disso está no trecho em que fala com Isabel sobre lenços:

> — Alguns eram, tão bonitinhos... Mas dava muito trabalho para lavar, passar e engomar. Outros eram estampadinhos. Mas assim que começaram a aparecer os lenços de papel, eu logo aderi, achei a coisa mais prática do mundo. Uma das coisas mais desagradáveis em matéria de trabalho doméstico sempre foi lavar lenço de resfriado. Acho que no nosso tempo a gente deve sempre procurar as coisas mais simples, que permitam economizar nosso esforço, para podermos fazer outras coisas. Esses lenços de que você fala eram lindos, mas eram típicos de uma época em que as pessoas tinham uma porção de empregadas a seu serviço (MACHADO, 1990, p. 41).

O fato de a mãe trabalhar fora, de não se fixar em trabalhos domésticos, também prenuncia novos tempos para as mulheres, pois a vida doméstica e a dedicação exclusiva ao lar é uma marca da época de Bisa Bia e que gera conflito com a imagem feminina que se projeta na mãe e, mais ainda, em Isabel que é de condição mais autônoma em relação aos homens e à sociedade. Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1960), afirma que o trabalho doméstico não confere autonomia a mulher, pois não seria diretamente útil para a coletividade, não desembocando no futuro e não produzindo nada. Sendo assim, o trabalho da mãe torna-se marca fundamental da disposição feminina em ocupar outros espaços, até então predominantemente masculinos. Segundo Bergamini (2018, p. 124),

> Na construção da personagem da mãe, essa "natureza" que melhor se manifesta no cuidar do outro assume, na narrativa, outras mudanças. Paralela a esse modelo de dedicação incondicional está a inclinação às próprias aspirações, que se imbricam e dão origem a uma nova mulher.

Com isso, observa-se que o conflito entre as diferentes gerações era uma constante para a menina Isabel que procurava construir seu próprio universo e fazer sua transição da infância para a mulher adulta que queria chegar a ser.

Toda essa visão fica mais clara no capítulo "meninas que assoviam", onde o próprio ato de assoviar era considerado, pela bisavó, inadequado para a menina. Soma-se a isso o contraste das figuras femininas de Isabel e Marcela que procuravam a atenção de Sérgio; enquanto, Bel rompe com as limitações impostas às "mocinhas", Marcela assume uma posição de dependência e fragilidade feminina diante do homem. Marcela reafirma o papel de mulher frágil e recatada quando condena as atitudes de Bel ao pular o muro e subir na goiabeira. Além disso, o próprio Sérgio parece se espantar ao notar a habilidade da menina em subir na árvore como se fosse um



RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 3, n. 1, jan./abr. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

menino, sem, no entanto, se opor ao fato e observa: “E você sobe em árvore feito um menino.” (MACHADO, 1990, p. 34.)

Tudo isso leva a menina Isabel a questionar suas ações, ajudada pela voz de Bia que afirma que os homens preferem meninas frágeis e ainda sugere a ideia de fingir que se machuca e chora para ser cuidada por ele:

> – Viu só? Ele acha você parecida com um menino. Homem não gosta disso. Agora ele fica pensando que você é um moleque igual a ele e vai levar uma goiaba de presente para aquela menininha bem arrumada e penteada que está esperando quieta na calçada... Finge que se machuca, sua boba, assim ele te ajuda. Chora um pouco, para ele cuidar de você... (MACHADO, 1990, p. 34)

Nota-se novamente a ideia de que às mulheres cabe a dependência e a passividade, enquanto ao homem cabe a função de cuidar e proteger. Aliado a isso, temos a ideia de provisão, uma vez que foi Marcela quem viu as goiabas e quem fica esperando a goiaba que Sérgio ficara de trazê-la: “– Não faz mal, não, Marcelinha... Você fica aqui numa boa, eu vou lá e num instante e trago uma goiaba para você. Não vale mesmo a pena sujar a roupa, nem arriscar cair... Me espera que eu já volto.” (MACHADO, 1990, p. 33)

A essa altura a voz de Neta Beta já havia se revelado e já pontuava para Isabel que ela não deveria fingir fragilidade e que Sérgio deveria gostar dela do jeito que ela era. Além disso, a voz da bisneta exigia de Bia um posicionamento firme: “– Não finge nada. Se ele não gosta de você do jeito que você é, só pode ser porque é um bobo e não merece que você goste dele. Fica firme.” (MACHADO, 1990, p. 34).

E mesmo em meio a esse conflito, Bel assume uma posição de autonomia frente a tudo, correndo o risco de agradar ou não a Sérgio. Contudo, Bel não se sujeitou ao papel de vítima. Ao final, Bel é recompensada por ser ela mesma e ganha a atenção de Sérgio, enquanto Marcela ganha uma goiaba achada no chão e com bichos.

> Não esqueça a goiaba da Marcela. Você prometeu.
>
> – Ih, é mesmo. Vou pegar essa aqui do chão mesmo. Só que está bichada – reparou ele. Ainda impliquei:
>
> – Se não serve, suba na goiabeira para buscar outra...
>
> – Eu, não.
>
> E foi assim que Marcela Marcelinha ganhou uma goiaba velha velhinha, bichada, bichadinha. E enquanto ela reclamava com aquela voz de choro chorinho, fui para casa com o coração sambando aos pulos. Cada pulo pulão. (MACHADO, 1990, p. 35)

É possível notar que, mesmo aparentemente distante da época de Bia, ainda era muito difícil para as mulheres se desvencilharem da sujeição a que foram impostas durante muito tempo. Contudo, Isabel parece ganhar confiança nas suas atitudes e representa num jogo de linguagem a situação de Marcela e a sua. A primeira é representada por diminutivos quando é chamada de Marcelinha que ganhou uma goiabinha velhinha e bichadinha e saiu com voz de chorinho; enquanto a segunda é expressa com aumentativo ao dizer que seu coração saiu aos pulos, pulão. O diminutivo parece representar a pequenez a que estava sujeita essa representação da mulher expressa por Marcela, enquanto o aumentativo mostra a expressão a que a mulher busca chegar.



RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 3, n. 1, jan./abr. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Afinal, a mulher sempre foi tratada com diminutivos aliados a sua fragilidade, enquanto os homens são tratados com aumentativos demonstrando sua dominação.

Marcela é a representação da figura de menina-boneca que preceitua a imagem feminina esperada pelos homens, e demais membros daquela sociedade, que anula qualquer tipo ação que não corresponde àquele papel esperado.

> Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajássemos a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino (BEAUVOIR, 1967, p. 22).

Com isso, percebe-se que tanto Isabel quanto a mulher representada por ela não pretende assumir o papel dado ao homem, uma vez que ele mostra fragilidade como a sua Bisavó e também mostra autonomia como sua bisneta Beta e chega à conclusão de que não precisa ser nem um extremo nem outro.

> Mas também tem outra coisa: quando eu começo a ficar muito moderna, muito decidida, a me sentir muito forte e muito capaz de enfrentar tudo, às vezes me dá uma "recaída de bisavó", como Neta Beta chama. Quer dizer, quero dengo, descubro que sou fraca numas coisas, tenho vontade de pedir colo e procurar alguém que me ajude, passe a mão na minha cabeça e tome conta de mim um pouquinho. Não dá para ser mulher-maravilha. Pelo menos, não dá o tempo todo, sem fingir. Vou descobrindo que dentro de mim é uma verdadeira salada (MACHADO, 1990, p. 49).

Tem-se daí a ideia apresentada no último capítulo, “Trança de gente”, em que a menina, por todas essas influências e vivências que serão responsáveis por formar sua personalidade, compara-se com uma trança de cabelo:

> Eu, Bel, uma trança de gente, igualzinho a quando faço uma trança no meu cabelo, divido em três partes e vou cruzando uma com as outras, a parte de mim mesma, a parte de Bisa Bia, a parte de Neta Beta. E Neta Beta vai fazer o mesmo comigo, a Bisa Bel dela, e com alguma bisneta que não dá nem para eu sonhar direito. E sempre assim. Cada vez melhor. Para cada um e para todo mundo. Trança de gente (MACHADO, 1990, p. 56).

Essa mudança de comportamento fica mais clara com a chegada de dois novos amigos que chocam a todos com novos costumes e ações a que não estavam acostumados, pois o menino arrumava a casa e sabia cozinhar e a menina sabia consertar tomada e trocar corrente de bicicleta, demonstrando que novos tempos estavam por vir e que Bel e os outros teriam que se adaptar.

Toda essa diferença foi acentuada ainda mais quando o menino narra a história de seu avô e chora diante de toda turma, ao que Bel pontua que homem não chora e logo depois acha que ele era muito corajoso por chorar diante de todos.



RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 3, n. 1, jan./abr. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

## CONCLUSÃO

Verifica-se, com isso, diante do que foi exposto, que o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* na figura de sua protagonista Isabel se utiliza de vozes do passado, presente e futuro para tentar estabelecer valores que se esperam para toda a vida. Também busca mostrar que os valores femininos da época de Isabel eram diferentes da época de Beatriz e que tenderiam a mudar cada vez mais; sem, no entanto, perder o vínculo com o passado.

Como afirma Regina Zilberman (2005), mesmo Bel tendo acesso às vozes do passado e do futuro por efeito de propriedades extraordinárias, nenhum ponto de vista – seja do passado, do presente ou o do futuro – é definitivo e Bel chega a essa conclusão depois da experiência tridimensional do tempo. A menina se transforma internamente, sem deixar de ser ela mesma, ou o que ela poderia ser, considerando as coordenadas do tempo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Tâmara Melo. **Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha**. Dissertação (Mestrado em família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2009. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=164655. Acesso em 29 ago. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: II a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BERGAMI, Lucinei Maria. **O feminismo em Bisa Bia, Bisa Bel, de Ana Maria Machado***:* O trançar de uma trajetória. Espírito Santo: EDUFES, 2018.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

***Recebido em:*** *25 de junho 2020*

***Aceito em:*** *4 de junho 2021*